

GABRIEL PRIOLLI

A SINTONIA DO
SUCESSO

A FABULOSA PARCERIA DE
LUIZ CASALI E CARLOS COLESANTI
NO MUNDO DO RÁDIO E DA PUBLICIDADE

Noir



FM STEREO

SCALE
FM FREQUENCY MODULATION 88 92 96 100 104 108 MHz
AM AMPLITUDE MODULATION 530 600 700 800 1000 1200 1400 1600 kHz

AM FM STEREO CASSETTE RECORDER

SR2100 SERIES

A SINTONIA DO
SUCESSO
A FANTÁSTICA PARCERIA DE
LUIZ CASALI E CARLOS COLEBANTI
NO MUNDO DO RÁDIO E DA PUBLICIDADE

Edição: Gonçalo Junior
Projeto gráfico: André Hernandez
Foto de capa: Celia Saito
Sistema da foto de capa: Adriano Zagottis
Foto das páginas 2 e 3: Eric Nopanen/Unsplash,
Fotos de aberturas dos capítulos: Alexey Ruban/Unsplash
Impressão e acabamento: xxxx

Editora Noir
Praça da Sé, 21 cj 410
CEP 01001-000
São Paulo – Brasil

editoranoir.com.br
facebook.com/editoranoir
contato@editoranoir.com.br

© 2018 Editora Noir – Todos os direitos reservados
Permitida a reprodução parcial de texto ou de imagem,
desde que citados os nomes da obra e do autor.

N11

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

Cearense, Catullo da Paixão
C387 Música e Boemia/A auto-biografia perdida de Catullo da Paixão
Cearense; organização de Gonçalo Silva Júnior - 1.ed. – São Paulo: Editora Noir, 2017.
252p.; 21cm

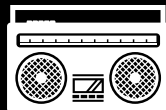
ISBN 978-85-93675-07-2

1. Poesia brasileira. 2. Cearense, Catullo da Paixão, 1863-1946. 3.
Compositores – Brasil - Biografia. I. Silva Junior, Gonçalo (org.). II. Título.

CDD 927.8 (22.ed)
CDU 92:78



INTRO DUÇÃO



O QUE VOCÊ TEM EM MÃOS É UMA AUTOBIOGRAFIA. Pode parecer estranho designar assim um livro que conta a vida não de um, mas de dois sujeitos, e que foi escrito por um terceiro. Mas é exatamente disso que se trata. A história de dois amigos de infância e de sua convivência pessoal e profissional de mais de 60 anos, narrada a um jornalista que transpôs em texto, nas palavras deles, o que viram, experimentaram e guardaram na memória. Eles entraram com a bio, eu cuidei da grafia e o livro é o auto do processo.

Aqui se conta a trajetória de dois meninos de classe média paulistana, que se conheceram aos sete anos de idade no bairro de Vila Nova Conceição, converteram-se em unha e carne, sonharam empreender antes de experimentar as calças compridas, e começaram a realizar o seu sonho quando ainda pareciam usar as curtas. Enveredaram pela comercialização de publicidade no rádio, daí para um modelo de programação e gestão de emissoras, daí para as suas próprias antenas, daí para uma rede nacional de mais de 160 estações representadas. Fizeram acontecer a melhor fase de duas emissoras lendárias de São Paulo, a América AM e a Musical FM.

Como se fosse pouco, adentraram o mundo dos cartazes de rua e converteram-se em gigantes nele, expandindo horizontes até o mobiliário urbano, com a exploração de publicidade nos relógios de rua. Fizeram política classista em inúmeras instâncias e experimentaram uma intensa diversificação de atividades, dentro e fora do setor de comunicação, em parte exitosa, outra nem tanto. Sobretudo, compartilharam a vida como amigos inseparáveis, atravessando juntos as maiores conquistas e os mais terríveis infortúnios.

Luiz Casali e Carlos Colesanti são empresários bem-sucedidos e sua marca L&C brilhou nos mercados da radiodifusão e da publicidade exterior ao longo de cinco décadas. Eles viveram incontáveis aventuras no mundo dos negócios, quase todas lastreadas na força de mercado da L&C. Criadores e criatura se mesclam, inextrincavelmente, já nos três caracteres que compõem a marca.

Mas este livro não é uma história geral da L&C, no sentido de um painel multifacetado de histórias e visões. Ele apresenta o ponto de vista específico dos seus empreendedores, enriquecido por comentários de um grupo de amigos e colaboradores que participou da obra. No final de cada capítulo, o depoimento de um deles detalha ou acrescenta informações ao que Luiz e Carlão narraram.

A bibliografia sobre a radiodifusão brasileira, embora mais atenta à TV do que ao rádio, felizmente cresce ano a ano nos estudos acadêmicos e nos registros históricos. Mas ainda é carente de relatos autobiográficos, particularmente de empreendedores, em especial os do rádio. A importância deste tipo de narrativa está na proximidade, na materialidade objetiva que dá aos conceitos e processos descritos pelos teóricos.

A memória, bem sabemos, é seletiva e pode ser muito traiçoeira. Mas ainda que os depoimentos biográficos não possam contar exatamente como as coisas aconteceram, nem tudo que de fato se passou, eles têm o mérito insuperável de revelar o que as pessoas retêm da sua própria experiência, o que mais valorizam nela, e as lições que extraem daquilo que passaram e fizeram. Esta é a contribuição que *A Sintonia do Sucesso* pode dar.

O projeto começou quando Carlos Colesanti leu *O Campeão de Audiência*, a autobiografia de Walter Clark alinhavada por mim em 1991 e reeditada em 2015. Carlão observou como foi contada a vida

do ex-diretor geral da TV Globo, um personagem-chave na história da televisão brasileira, e julgou que era daquela forma que gostaria de ver escrita a sua própria história e a do parceiro Luiz Casali – os dois também personagens centrais, mas do rádio brasileiro e da publicidade, no último terço do Século XX. Luiz concordou com ele e a jornalista, hoje joalheira Isabella Blanco, sua mulher, se incumbiu de nos aproximar. O resultado aqui está.

Cada linha foi escrita com o apoio profissional da jornalista e historiadora Marcia Maresti Lima, minha parceira de vida e de incursões editoriais. Como sempre, ela trabalhou na gravação e indexação de mais de 50 horas de depoimentos, tanto de Luiz e Carlão quanto dos entrevistados, a quem muito agradecemos pelo tempo e a atenção que nos deram. Marcia fez entrevistas, pesquisou informações, organizou os materiais coletados, indexou referências, fez observações sobre o texto. Além de cuidar de mim e me animar ao longo do trabalho, que foi tão fascinante quanto extenuante para nós dois.

Sintonize, então, prezado leitor-ouvinte, a sua Rádio L&C Inovadora e viaje nas ondas da memória. Está entrando no ar *A Sintonia do Sucesso*. Uma reflexão sobre empreendimento e criatividade no mundo da mídia, na forma de um relato apaixonado de sonhos, projetos, ações, sucessos e fracassos. Que é também um testemunho comovente sobre o poder da amizade e a maravilha de uma convivência profissional fraterna e produtiva. Foi muito instrutivo e prazeroso fazer este livro, asseguro. Há de ser o mesmo para você, que agora vai ler e julgar.

Gabriel Priolli

Março de 2018

A dark, high-contrast, grayscale image of a computer keyboard. The keys are visible, with some numbers like '10', '5', and '6' clearly seen. The text 'FLEC HAS LIG EIRAS' is overlaid in a large, white, serif font, centered on the keyboard. The background is a blurred, dark gray, emphasizing the text and the texture of the keyboard.

FLEC HAS
LIG EIRAS



*Primeira comunhão de dois diabinhos:
Luiz de catecismo e vela, Carlão com o amigo Daltrô.*

I

A VILA NOVA CONCEIÇÃO, na São Paulo dos anos 1950, é um lugar encantador. A cidade cresce no ritmo frenético de uma nova onda de industrialização, desta vez com a mão de obra nacional substituindo a europeia nas fábricas e na construção civil. Chega gente de todo o Brasil, espigões surgem da noite para o dia, o ritmo de vida se acelera. Mas o bairro da Zona Sul da capital permanece como um oásis, uma clareira de bucolismo, ainda protegido da “selva de pedra” que já desborda da região central e avança na sua direção.

O que mais podem querer os garotos desse tempo, que mal conhecem a televisão e estão longe de saber o que é um videogame, senão morar em um bairro ainda repleto de chácaras e terrenos baldios, onde podem ser totalmente livres, andar soltos pela rua o dia inteiro e brincar em toda parte? Pois é exatamente isso que a Vila Nova Conceição, a vizinha Vila Uberabinha e as demais componentes do distrito de Moema oferecem à infância paulistana. Nada que um garoto de classe média do Século XXI consiga sequer imaginar.

Mas tudo que ele adoraria, se tivesse a chance de experimentar as delícias de um mundo menos virtual, menos embalado para consumo, mais aberto às inquietudes da imaginação infantil.

“Os primeiros registros da área são ainda dos anos de 1500, no tempo em que o Brasil era colônia”, anota uma reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*. “Na zona alagadiça e cheia de mato, viviam os índios tupiniquins chefiados por Caiubi. Dizem que, mais adiante, o primeiro engenho de ferro do Brasil seria criado naquele pedaço”.

A mesma matéria observa que, no começo do século XX, eram muitas as chácaras de imigrantes europeus, em que havia o cultivo de frutas e legumes, e ainda pastos. “Uma certa fazenda Santa Maria seria loteada para que a Vila Nova Conceição fosse oficialmente fundada, em 1936. Nos anos de 1950, o bairro já era um refúgio de tranquilidade, muito arborizado e com direito ao barulho dos riachos, que ainda não tinham sido enterrados para que fossem rasgadas grandes avenidas”.⁽¹⁾

Uma fazenda recentemente loteada... Árvores para escalar... Riachos para chapinhar... Chácaras abarrotadas de frutas, para pular a cerca e pegar... Melhor que isso, só se ainda houvesse a aldeia tupiniquim e Caiubi deixasse os livros de História para comandar pessoalmente as brincadeiras de índio da criançada. Caso o milagre acontecesse, Caiubi seria provavelmente o único adulto entre os pequenos, que passam os dias soltos, sem os pais por perto, muito menos babás, vigias, seguranças, monitores, instrutores – todos esses serviços que, no futuro, estarão à disposição da classe média, mas que, por ora, servem exclusivamente aos muito ricos, nenhum deles na Vila Nova Conceição.

Nesse lugar e nesse tempo tão especiais de São Paulo, tão mais humanos e acolhedores que os vindouros, muitas amizades de infância estão brotando e vão perdurar. Mas talvez nenhuma outra consiga florescer e frutificar como uma delas. Amizade única, capaz de manter dois sujeitos de personalidades diferentes unidos como irmãos siameses, por mais de 60 anos, desde o dia em que se conheceram. Unidos pelo afeto e também no objetivo de conquistar o mundo juntos e deixar a sua marca nele, o que efetivamente farão, mais rápido que a maioria de seus contemporâneos.

A primeira metade dessa dupla em breve inseparável é Carlos. Na certidão de nascimento, Carlos Alberto Colesanti, vindo ao mundo em 3 de abril de 1945. Sete anos depois, em 1952, ele já é um menino compridão para a idade, que mora com a família na Rua Natividade, 164, quase na divisa das vilas Nova Conceição e

Uberabinha. É o primogênito do casal Maria Rodrigues Colesanti e Orlando Felix Colesanti, que também tem uma filha um pouco mais nova, Vera Lúcia. Com a família vive Luiza, a mãe de Maria.

Maria e Orlando trabalham demais, mal têm tempo para os filhos. Ela é enfermeira da Caixa Econômica Federal e passa os dias enfiada no serviço médico da agência central, na Praça da Sé. Ele é propagandista de laboratório e, ao contrário da mulher, tem um cotidiano movimentado, visitando consultórios médicos e clínicas para divulgar as novidades em remédios. Ambos saem cedo e voltam apenas à noite. As crianças têm mais contato diário com a Vó Luiza, que cuida delas para ajudar o casal.

O pouco contato e as diferenças de temperamento distanciam Carlos da mãe, com quem ele nunca terá uma relação muito próxima. Maria é uma mulher de saúde frágil, irritadiça, que trabalha demais e não percebe o quanto isso esfria o seu relacionamento com o filho. Já Orlando, mesmo com pouco tempo disponível, tem uma convivência bem mais calorosa com Carlos. É a principal influência na formação do menino, especialmente no padrão moral.

Orlando é um “Caxias”, de honestidade e rigor a toda prova, e transmite esses valores para os genes do herdeiro mais velho. Mas é um homem de mentalidade aberta, moderna, dos raros que permitem aos filhos tratá-lo por “você”, nesses tempos em que chamar o pai de “senhor”, beijar-lhe a mão e pedir a sua benção é o comportamento padrão da criançada.

O convívio familiar mais amplo, aquele que envolve o contato também com tios e primos, Carlos experimenta fora de São Paulo. Seu pai é o décimo filho do italiano Januário Colesanti, padeiro em Rincão, cidade vizinha de Araraquara, e é lá que o neto paulistano passa as férias escolares. Todo ano, devidamente munido de uma autorização do Juizado de Menores para viajar sozinho e embarcado por Orlando na Estação da Luz, Carlos pega o trem da Companhia Paulista e faz o trajeto de cinco horas até Rincão. Faz a sua viagem às raízes, aos afetos familiares e à vida no campo, ainda mais bucólica e calma do que a da Vila Nova Conceição.

A família Colesanti inteira vive da padaria, a única de Rincão no início dos anos de 1950. Além de uma infinidade de primos, são nove tios à disposição de Carlos, todos adoráveis e adorados por ele.

O Tio César já é o padeiro principal, para sossego de Januário, e Carlos maravilha-se em vê-lo trabalhar naquele maquinário todo, batendo e cortando a massa, a esteira passando repleta de bisnagas, pãezinhos e doces. Já o Tio Luis, alfaiate de profissão, é o tipo engraçado da família, aquele que conta as piadas sacanas e faz a alegria da molecada. Também adora pescar, o que desperta o mesmo gosto no sobrinho. Em um dia comum de suas férias, Carlos amarra a vara de pesca na bicicleta, vai à procura de uma boa margem de riacho, e passa a tarde por lá, dando banho nas minhocas.

Mas o menino tem mais afinidade com Tio Pascoal. É na casa dele, onde vivem também Tia Mariazinha e os primos Cecivaldo, Marilena e Januarinho, que Carlos fica hospedado. Januário deveria ser o anfitrião natural para o neto que vinha da capital, mas é um homem austero, durão, e Carlos prefere companhia mais leve dos tios, que lhe dão mais liberdade para curtir a vida de moleque com toda a intensidade.

Só muito mais tarde, quando já tiver a idade do avô, ele terá a exata dimensão do rigor moral de Januário. Descobrirá que Pascoal e Mariazinha não eram formalmente casados e viveram juntos por alguns anos, sem que o velho padeiro soubesse, mesmo morando numa aldeia como Rincão. O neto Cecivaldo ia sempre à padaria, acompanhado de uma empregada, e o avô brincava com ele, encantado, sem saber do laço de sangue. Só quando a união já estava totalmente consolidada é que Pascoal teve coragem de contar a verdade ao pai. O velho italiano, com o coração já amolecido, perdoou o deslize e abençoou a relação.

Fora das férias, quando está em São Paulo, Carlos estuda no Grupo Escolar Martim Francisco, ali na rua Domingos Fernandes. Sua rotina é escola pela manhã e o resto do tempo, brincadeiras. O melhor amigo é Daltro, que, décadas mais tarde, será o engenheiro mecânico-industrial Daltro Henrique Pellegrini Brissac. Daltro é um garoto tão criativo quanto ele, ótimo companheiro para inventar brinquedos. Os dois gostam de serrar, martelar, pregar e fazem bom uso das ferramentas de marcenaria de Orlando. Constroem trenzinhos, carros, foguetes. Divertem-se mais com a imaginação do que com brinquedos prontos, não exatamente abundantes para garotos como eles, da classe média baixa.

Enquanto exercita a criatividade com o Daltro, Carlos ainda não conhece a outra metade da dupla que logo formará para a vida toda. Ela mora a apenas 280 metros de sua casa, na rua Quiçaba, 90, trajeto para menos de 5 minutos de caminhada. Mas Carlos ainda não sabe da sua existência. É um garoto da sua idade, cinco meses mais novo. Oficialmente, no registro civil, é Luiz Arnaldo Casali, nascido em 10 de setembro de 1945, filho de Clorinda e Tulio Casali. Mas, aos 7 anos, ainda é tão somente Luizinho, um menino miúdo, inquieto, criado em um lar repleto de gente e de uma afetividade bem expansiva, típica da Calábria, a região italiana de onde a família provém.

Luizinho tem três irmãos: Carlos Alberto, Maria Bernardete e Maria Lúcia. É o neto primogênito dos avós maternos, Antonieta e Antonio Rosati. O casal gerou seis filhos, que, em média, procriaram duas ou três vezes. São quase vinte primos, portanto, que se encontram aos domingos na casa dos *nonni*, ali no bairro vizinho do Itaim-Bibi. Uma casa ampla, com quintal e galinheiro, onde há espaço para acomodar os barris de vinho do Vô Antonio e os de azeite da Vô Antonieta, itens domésticos quase obrigatórios das famílias ítalo-paulistanas desse tempo.

Ver a avó correndo atrás das galinhas, com sua técnica apurada de torcer pescocões e depenar a vítima escolhida para acompanhar o macarrão do almoço, é uma cena comum para os olhos de Luizinho. Assim como ver o avô encher a jarra de vinho para levá-la à mesa e bebericar o seu tinto calmamente, na santa paz de Bacco, enquanto a balbúrdia e o alarido da italianada se instauram ao redor dele. Impensável para o menino é imaginar, naqueles dias, que a Rua Tapera, onde vivem os Rosati, ganhará mais tarde o pomposo nome de Bandeira Paulista, e que a sua casa modesta e todas as outras serão derrubadas, para abrir espaço aos prédios de alto padrão.

Com o tempo, é a residência dos Casali na Vila Nova Conceição que se converte no epicentro do convívio familiar. Tanto pelas características do imóvel, amplo como o do Itaim, quanto do casal proprietário, caloroso e gregário como os Rosati. Receber a parentada aos domingos é o seu momento de lazer em um cotidiano muito duro, de trabalho intenso, que começa bem cedo e vara as madrugadas. Esse é o exemplo que Clorinda e Túlio dão a Luizinho e seus irmãos desde sempre: o de que a vida é luta, muita luta, para

ser vencida com trabalho e mais trabalho, mas também com amor, solidariedade, alegria e festa.

Argentino nascido na Boca, em Buenos Aires, Túlio é mecânico de profissão. É o próprio baixinho invocado: pequeno, magro, nervoso, comprador de encrenca. Um galinho garnizé de briga, na definição que o filho lhe dará décadas mais tarde. Apesar do gênio forte, é um sujeito muito querido nos lugares onde trabalha e vai avançando. De mecânico passa a motorista, depois abre a própria oficina. O que o atrapalha é a saúde, precária. Ele chega a se internar por um tempo no famoso sanatorinho de Campos do Jordão, hospital de destino dos pulmões aflitos do Brasil, para se tratar de um princípio de tuberculose.

A combinação de saúde frágil com o gênio explosivo complica a vida profissional de Túlio, nesses anos da infância de Luizinho. Produz muita instabilidade nos ganhos, gera incertezas. Quem garante a estrutura familiar e a sustentação financeira é Clorinda, com uma oficina doméstica de costura que faz dela modista reputada na grã-finagem do Jardim Paulista e adjacências. As matriarcas, as jovens senhoras, as mocinhas brejeiras, todas chegam à rua Quíçaba com uma foto da revista *Burda*, ou de outro título da moda, e só precisam mostrá-la a Clorinda. Em poucos dias, estão exibindo a réplica exata daquele vestido nos salões da Paulicéia endinheirada, vaidosas e seguras da elegância do traje como se o tivessem comprado numa loja de Paris.

Clorinda trabalha febrilmente, dia e noite cortando moldes, costurando, pregando, chuleando. Trabalha sempre contra o relógio, com prazos de entrega inflexíveis – um casamento, uma formatura, a festa imperdível do próximo sábado. Para vencer a correria, vale-se de uma marca muito popular de metanfetamina, o *Pervitin*, ainda de livre comércio naquele tempo, e quem vai à farmácia buscar as pílulas da mamãe é o Luizinho. Uns comprimidos goela abaixo e lá está Clorinda entre panos e tesouras, ligada, frenética, costurando noite adentro para cumprir o compromisso com as suas clientes.

Perfeccionista, porém, Clorinda não consegue ter auxiliar. Faz tudo sozinha e trabalha, trabalha, trabalha. Esfola-se em ritmo de deixar os outros cansados só de olhar. Tem todas as razões para se estressar e todo direito de reclamar da vida, mas ninguém ouve uma queixa da sua boca. Ela mereceu do Criador a dádiva de um

temperamento ameno, conciliador, positivo, que equilibra bem a personalidade difícil do marido. A casa e a família giram em torno dela, e o seu exemplo educa os meninos a enfrentarem as dificuldades com coragem e determinação.

Os meninos, aliás, são quatro, mas estão prestes a serem cinco. Não por conta de uma gravidez tardia de Clorinda, mas de um moleque da vizinhança que acaba de entrar pela sua porta, para se tornar praticamente um novo membro da família. Através de Daltro, amigo comum, o Carlos dos Colesanti finalmente conhece o Luizinho dos Casali. Os dois ficam amigos instantâneos e nunca mais vão se separar. Clorinda ganha um quase filho de criação. Para não haver confusões com o seu próprio Carlos Alberto, o residente homônimo da casa, o compridinho recém-chegado é logo “rebatizado” de Carlão. É a primeira mudança superlativa em sua vida, das muitas que ele experimentará nas décadas seguintes.

Agora, a Vila Nova Conceição tem um trio parada dura solto pelas ruas. Três meninos campeões da traquinagem, gastando a vitalidade infantil em turno integral. Na adolescência, Daltro não terá muita convivência com os amigos, porque a família mudará para a Vila Olímpia e os contatos irão se espaçar. Mas, nessa doce infância que vivem, são próximos o bastante para se divertirem muito e aprontarem o bocado que se espera de garotos sadios, inteligentes e incansáveis como eles.

Nos baixios do bairro, por onde a Avenida Hélio Pellegrino fará o seu trajeto no futuro, ainda corre a céu aberto o Córrego Uberabinha, sem canalização. É apenas um riacho, já não mais limpo, porque as indústrias que se instalam aos poucos na região seguem a prática ambiental clássica dos paulistanos, de descartar o lixo no curso d'água mais próximo. Uma delas fabrica seringas, tubos de ensaio, pipetas e assemelhados, para uso em laboratórios, e lança os resíduos no córrego. É nessa verdadeira mina de vidro, puro ouro para invenções infantis, que Carlão, Daltro e Luizinho vão garimpar.

Os meninos se entusiasmam tanto com os materiais que coletam no Uberabinha, nos fundos da fábrica, que Orlando monta um lugarzinho no quintal dos Colesanti para eles acomodarem o seu “laboratório”. Empreendimento, diga-se, que ostenta a precursora das diversas marcas comerciais que seus “diretores” criarão quando forem